**Ações educativas em espaços culturais e suas articulações**

**com conceitos de mediação cultural e experiência sensível**

 *Denise Costa[[1]](#footnote-1)*

 *Mônica Zewe Uriarte[[2]](#footnote-2)*

**Eixo Temático: Linguagens e Artes**

Este trabalho tem por objetivo buscar articulações entre ações educativas de espaços culturais com conceitos de mediação cultural e experiência sensível, demonstrando a importância do diálogo entre educação formal e não formal. Como metodologia foi utilizada a cartografia, tendo em vista a possibilidade oferecida pelo método de ampliar e multiplicar os percursos da pesquisa em arte. Segundo Uriarte (2017, p. 41-42) “nas artes, a cartografia pode ser utilizada como método de acompanhamento do traçado das linhas que indicam os percursos culturais,o que possibilita ao pesquisador enxergar e refletir sobre o procedimento em curso, voltado tanto à manutenção como à criação de novos caminhos”. A arte é um dos meios que nos aproximam da beleza ou de seu sentimento. O belo, no campo da arte envolve a estesia, atinge os sentidos: espanto, alegria, revolta. Quando a experiência acontece por meio das artes, nossos sentidos são provocados e entregam-nos a sensações, permitindo que sejamos atravessados por elas, sem pressa, que impede possibilidades de experiências inteiras. Como expõe Larrosa (2019, p. 18), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Para o autor a experiência torna-se mais rara pelo excesso de informação, pela falta de tempo e excesso de trabalho, pois se nada nos tocar ou acontecer, não terá ocorrido experiência. Nesse sentido, é necessário estimular o pensar, o raciocínio para construção de saberes, a prática de experiências para ampliar o saber sensível. Ajudar o espectador a perceber com seus próprios sentidos, como constatado por Neitzel et al (2017, p. 329), pois “[...] essa ação não pode ser solitária, isto é, uma ação informativa, centrada na figura do mediador, no que ele deseja dizer, transmitir, ignorando o desejo do outro. [...] Mediar, nesse sentido, seria menos informar e mais dialogar”. Martins destaca que (2012, p. 17), “é importante criar “situações onde o encontro com a arte, como objeto de conhecimento, possa ampliar a

leitura e a compreensão do mundo e da cultura”. Assim, a função mais importante do mediador é deixar o espectador perceber a obra. A mediação pode provocar a experiência como “a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque”, ou seja, parar, pensar, olhar, escutar, “cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos [...] cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência, dar-se tempo e espaço” (Larrosa, 2019, p. 25). Cada pessoa percebe de maneira diferente, no seu próprio tempo, uma vez que o acontecimento pode ser o mesmo, mas a experiência é individual. Conforme sustenta Larrosa (2019, p. 32), “o saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Uriarte (2017, p. 92), esclarece que “mediar é andar junto, promover encontros com a arte e a cultura, estejam elas nos museus, nos livros, no teatro ou nos muros do colégio”. Esses encontros proporcionam experiências para que os sujeitos percebam e deixem-se afetar pelas sensações das diversas linguagens da arte. Destaca-se que o componente curricular Arte pode oferecer jornadas externas, muitas vezes, operações que envolvem energia e recursos financeiros, “um esforço ousado para a democratização do acesso conectado com as questões da escola” (Martins, 2012, p. 49). O diálogo entre escola e espaços culturais é a conexão que estimula o contato de estudantes com arte e cultura. Conforme afirma Deleuze (2008, p. 156) “o essencial são os intercessores”. Essas condições necessitam ser ativadas em todos e por todos, sejam alunos, professores, educadores de espaços culturais como declara Rancière (2012, p. 15) que o verdadeiro mestre “não ensina seu saber aos alunos, mas ordena-lhes que se aventurem, na floresta das coisas e dos signos, que digam o que viram e o que pensam do que viram, que comprovem e o façam comprovar”. É estimular o pensar, raciocinar para construir saberes, praticar experiências. As políticas necessitam ser ampliadas, principalmente em localidades distantes das grandes cidades, propiciando que o público tenha oportunidade de aproximação com a arte. No sentido das políticas de acesso aos espaços culturais, Neitzel et al (2017, p. 328) adverte que “o fortalecimento de um projeto educativo museal que se preocupe em ampliar as experiências estéticas do público por meio de uma mediação pautada não em uma concepção diretiva, que se define como o repasse de informações sobre os objetos expostos”. Para que os atores dos espaços culturais e das escolas possam cumprir suas funções de mediadores, o acesso às manifestações artísticas e culturais deve ser para todos. Nos espaços culturais a mediação promove o encontro para proporcionar experiências, que em cada um serão diferentes, dependendo das memórias, histórias, saberes, que provocam estesia. Sensações que

são singulares e intransferíveis e, por meio de objetos propositores oferecidos por mediadores abrem caminhos para a emancipação.

singulares e intransferíveis que, por meio de objetos propositores oferecidos por mediadores abrem caminhos para a emancipação.

**Figura 1 – Mediação e experiência sensível**



Fonte: Figura criada pelas autoras. (2022)

**Palavras-chave**: Ações educativas, mediação cultural, experiência sensível, educação.

**Referências**

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Paul Pelbart. São Paulo: 34, 2008.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre a experiência. 1. ed. 4. Reimp. Tradução Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARTINS, M. C. Expedições instigantes. In: MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura.** 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

NEITZEL, A. de A. FRANKLIN, K., PONTES, M. C. K., NEITZEL, M. de A. Mediações culturais no museu. In A. de A. Neitzel, C. Carvalho, J. R. Nhoque, K. Franklin, M. Z. Uriarte, V. A. Meller (Eds) In: **Cultura, escola e educação criadora**: diálogos sobre experiências estéticas na educação (pp. 324-345). Florianópolis: Dois por quatro.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

URIARTE, M. Z. **Escola, música e mediação cultural**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

1. Acadêmica de curso de pós-graduação Doutorado em Educação, PPGE da Universidade do Vale do Itajaí

E-mail: denisecosta.br@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Professor/a Orientadora. Curso de pós-graduação Mestrado e Doutorado em Educação, PPGE da Universidade do Vale do Itajaí

E-mail: uriarte@univali.br

Agência de Fomento: CAPES [↑](#footnote-ref-2)